



Presença como maior Presente Para as crianças



por **Roberto Cardoso da Silva Bueno**

Superando a carência através da presença genuína

Vivemos em tempos que a todo momento estamos hiperconectados, constantemente por dentro das informações e notícias em tempo real, cuja velocidade supera a da reflexão. Em meio a esta velocidade desenfreada, percebe-se que estamos nos distanciando cada vez mais das pessoas próximas a nós, até mesmo das nossas famílias...

É nesse cenário que a criança, muitas vezes, se vê cercada de estímulos e ausente de olhares. Ela tem acesso a incontáveis conteúdos, mas carece do que realmente a constitui como sujeito: o encontro. Não é a quantidade de tempo compartilhado que define um vínculo saudável, mas a qualidade da atenção oferecida nesse tempo.

O psicanalista inglês Donald Winnicott (1982) já apontava, em meados do século XX, que não é a perfeição do cuidado que forma uma criança emocionalmente segura, mas a constância de uma presença “suficientemente boa” - aquela que erra, ajusta-se e volta a se fazer presente. Essa ideia rompe com a fantasia de que é preciso ser um pai, uma mãe ou um educador impecável. É preciso, sim, ser confiável, disponível e verdadeiramente presente.

Na mesma direção, o educador brasileiro Antônio Carlos Gomes da Costa (1997) cunhou o conceito de Pedagogia da Presença, defendendo que educar não se resume a transmitir conteúdo, mas a instaurar um vínculo de confiança e reciprocidade entre adulto e criança. Para ele, a presença educativa é aquela que acompanha, que testemunha o crescimento do outro sem se ausentar diante das dificuldades - uma presença que não julga, mas sustenta.

Já o psiquiatra John Bowlby (2002), criador da Teoria do Apego, demonstrou como a disponibilidade emocional consistente de um cuidador é a base sobre a qual a criança constrói sua capacidade de explorar o mundo com segurança. Uma criança que sabe que pode contar com a presença de alguém não precisa gastar energia psíquica tentando garantir essa presença - ela pode, então, direcionar essa energia para aprender, brincar e se desenvolver.

O psicólogo russo Lev Vygotsky (1991), por sua vez, mostrou que o desenvolvimento infantil não ocorre isoladamente, mas é mediado pela interação social. Quando um adulto se faz presente de forma ativa e atenta, ele se torna aquilo que Vygotsky chamava de mediador - alguém capaz de ajudar a criança a alcançar aquilo que, sozinha, ainda não conseguiria fazer.

Ainda no campo da psicanálise infantil, a francesa Françoise Dolto (2002) insistia que a criança percebe, mesmo sem palavras, quando é genuinamente escutada. Para ela, falar com a criança - e não apenas sobre ela - é um gesto de presença que a reconhece como sujeito de sua própria história, e não como mero objeto de cuidados.

O educador Paulo Freire (1996), um dos maiores nomes da pedagogia brasileira, também nos ajuda a pensar essa questão quando afirma que “não há docência verdadeira sem uma relação dialógica entre quem ensina e quem aprende” (FREIRE, 1996, p.23). Para Freire, “educar é um ato de amorosidade e de escuta, e jamais um processo de mão única, em que o adulto deposita conteúdos em uma criança passiva”. Presença, nesse sentido, é reconhecer a criança como sujeito de sua própria aprendizagem, alguém que também tem o que ensinar quando é verdadeiramente ouvida. Essa relação dialógica, defendida por Freire em sua Pedagogia da Autonomia, é o oposto do que ele chamava de educação bancária - aquela em que o educador apenas transmite informações, sem construir vínculo ou escuta com quem aprende.

A presença como antídoto para a pressa

Diante desses olhares distintos, mas convergentes, fica evidente que a presença não é um conceito abstrato ou sentimental: é uma prática concreta, observável no cotidiano. Ela se manifesta no momento em que se desliga o celular durante a conversa, no silêncio que acolhe o choro sem pressa de resolvê-lo, no olhar que acompanha a criança enquanto ela brinca sozinha, sem necessidade de intervir a todo instante.

Estar presente, portanto, não significa estar constantemente ao lado da criança, controlando cada passo. Significa oferecer disponibilidade emocional genuína nos momentos em que ela se faz necessária - e isso exige do adulto um exercício diário de desaceleração, de escuta e de autoconhecimento, já que não é possível oferecer presença verdadeira a partir de um lugar de exaustão ou dispersão constante.

O maior presente

Se há um legado que podemos deixar às novas gerações, talvez não seja medido em bens materiais, tampouco em oportunidades acumuladas, mas na qualidade dos encontros vividos. A criança que cresce sentindo-se vista, ouvida e acompanhada constrói uma base emocional sólida para enfrentar as inevitáveis adversidades da vida adulta.

Presença, afinal, não se compra nem se substitui. É um gesto simples e, ao mesmo tempo, revolucionário em uma época marcada pela pressa: o gesto de parar, olhar nos olhos e dizer, sem palavras, “eu estou aqui com você”. Esse é, talvez, o maior presente que podemos oferecer às crianças - e também a nós mesmos.



por **Roberto Cardoso da Silva Bueno**

Pedagogo, pós-graduado em Neuropsicopedagogia e Neurociência pela FMESP. Diretor de Escola no Município de Bragança Paulista, SP. Associado da Escola de Pais do Brasil. Presidente da Seccional Virtual.

Referências:

- BOWLBY, John. Apego: a natureza do vínculo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
COSTA, Antônio Carlos Gomes da. Pedagogia da Presença: da solidão ao encontro. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 1997.
DOLTO, Françoise. Quando a criança nasce: o início de uma comunicação. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
WINNICOTT, Donald W. A criança e o seu mundo. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.